

RESEARCH ARTICLE

Sufrimento e a docência no Ensino Médio: uma análise sociológica


Daniel Costa Farias  a,1

(a) Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) | UFPE | Recife, Brasil | **Lattes ID:** <http://lattes.cnpq.br/4705016886890907>

(1) **E-mail** (Corresponding author): fcostdaniel@outlook.com

História do artigo / Article history

Recebido: 09 novembro 2022 | Aceito: 17 fevereiro 2023 | Publicado online: 09 abril 2023.

© O(s) Autor(es) 2023 | Publicado por Revista Brasileira do Ensino Médio. Este artigo é publicado com acesso aberto sob os termos da licença internacional Creative Commons Attribution 4.0 (CC BY-  NC 4.0).

RESUMO

Nosso objetivo é analisar o impacto da docência na saúde mental de professores de ensino médio, segundo uma leitura sociológica. Desse modo, dividiremos esse trabalho em três momentos. Na primeira etapa, apresentamos as exigências e dificuldades mais comuns enfrentadas pela docência no ensino médio. Depois, verificamos quais são as principais formas de sofrimento psíquico que aparecem no exercício de ensinar. Por fim, mostraremos a relação que existe entre docência e saúde mental. Partimos da premissa que condições precárias de trabalho e o excesso de exigências profissionais causam sofrimento nos docentes. Sabemos que ainda existem poucos debates a respeito da saúde mental dos professores do ensino médio. Por isso, um estudo teórico pode contribuir para entender melhor esse fenômeno.

Palavras-chave | Saúde mental. Docência. Ensino médio. Educação. Sofrimento.

ABSTRACT / RESUMEN

Suffering and teaching in high school: a sociological analysis

Abstract | Our objective is to analyze the impact of teaching on the mental health of high school teachers, according to a sociological reading. Thus, we will divide this work into three moments. In the first stage, we present

the most common requirements and difficulties faced by high school teaching. Afterwards, we verify which are the main forms of psychic suffering that appear in the teaching exercise. Finally, we will show the relationship between teaching and mental health. We start from the premise that precarious working conditions and excessive professional demands cause teachers to suffer. We know that there are still few debates about the mental health of high school teachers. Therefore, a theoretical study can contribute to a better understanding of this phenomenon.

Keywords | Mental health. Teaching. High school. Education. Suffering.

Sufrimiento y enseñanza en la escuela secundaria: un análisis sociológica

Resumen | Nuestro objetivo es analizar el impacto de la docencia en la salud mental de docentes de secundaria, según una lectura sociológica. Así, dividiremos este trabajo en tres momentos. En la primera etapa, presentamos los requisitos y dificultades más comunes que enfrenta la enseñanza secundaria. Posteriormente, verificamos cuáles son las principales formas de sufrimiento psíquico que aparecen en el ejercicio docente. Finalmente, mostraremos la relación entre la enseñanza y la salud mental. Partimos de la premisa de que las condiciones de trabajo precarias y las exigencias profesionales excesivas hacen sufrir a los docentes. Sabemos que todavía hay pocos debates sobre la salud mental de los profesores de secundaria. Por lo tanto, un estudio teórico puede contribuir a una mejor comprensión de este fenómeno.

Palabras-claves | Salud mental. enseñando. Escuela secundaria. Educación. Sufrimiento.

Introdução

A atividade de docência constitui, na modernidade, um trabalho complexo, com alguns riscos envolvidos, visto que, em algumas condições, essa é uma das profissões mais desgastantes e cansativas que existem no mercado de trabalho (REIS *et al.*, 2006). Nessas circunstâncias, em que condições sociais e psicológicas andam lado a lado, é possível observar o aparecimento e destaque de diversas formas de sofrimento psíquico no exercício docente (GLINA *et al.*, 2001). A demanda por produtividade, a flexibilidade cada vez maior exigida no mercado de trabalho, as novas exigências de trabalho, as novas tecnologias, sem contar nas transformações nas estruturas sociais e de personalidade, tem sua parcela nesse processo.

De modo geral, ensinar pode ser considerado uma atividade cansativa, ainda mais quando exercida em condições que aumentam o desgaste. Esse tipo de atividade pode causar repercussões consideráveis na saúde do docente, inclusive sofrimentos psicológicos. Esta é uma dificuldade que pode ser evidenciada nos docentes pelos vários problemas de saúde e pela frequência reduzida em suas atividades. Aspectos psicológicos, como ansiedade, depressão, fadiga e até a esquizofrenia, são exemplos bastante comuns que aparecem em uma situação como essa.

O objetivo de nosso trabalho é analisar o impacto da docência na saúde mental de professores do ensino médio, segundo uma leitura sociológica.

Nossa pesquisa será básica e de procedimento bibliográfico. Assim, será dividida em três momentos. Na primeira fase, apresentaremos as principais exigências e dificuldades enfrentadas pela docência no ensino médio, tendo em vista o processo de formação dos professores. Depois, na segunda parte, vamos verificar quais são as principais formas de sofrimento psíquico que aparecem no exercício de ensinar. Por fim, mostraremos a relação que existe entre docência e saúde mental. Partimos da premissa que as condições precárias de trabalho e o excesso de exigências laborais causam sofrimento psíquico nos docentes.

Esse nosso texto se justifica, primeiramente, por duas razões. Uma é que no Brasil ainda existem poucos debates a respeito da saúde mental dos professores e professoras do ensino médio. Essas análises

costumam ser mais realizadas em outras profissões. O outro motivo é que consideramos bastante importante o entendimento sociológico desse fenômeno e uma leitura, pesquisa e explicação teórica podem auxiliar a separar um material de investigação, explanar e compreender melhor o processo social que é a docência.

Esperamos assim contribuir para leituras futuras, sejam sociológicas ou a partir de outros conhecimentos, acerca da relação entre saúde mental, docência e sociedade.

Metodologia

Nossa pesquisa será básica, descritiva e com um procedimento bibliográfico. Para realizá-la partiremos de um levantamento, leitura e análise de livros, textos, artigos acadêmicos e sites que tratem da questão do sofrimento psíquico na docência e do trabalho de professores e professoras no ensino médio. Essas pesquisas, abordadas por nós, envolvem vários procedimentos, mas todas, de uma forma ou de outra, tratam do nosso tema de interesse e dialogam com os nossos objetivos aqui propostos. Não há um autor ou autora específica, mas um conjunto de autores, geralmente da educação, sociologia e psicologia, que trazem suas contribuições, que já trataram dos temas aqui estudados, e que nos espelhamos para escrever esse texto, tal como: Bourdieu (1992), Borsoi & Pereira (2011), Brasil *et al.* (2016), Costa (2013), Cupertino, Garcia & Honório (2014), Gasparini, Barreto & Assunção (2005), Glina *et al.* (2001), Kuenzer (2011), Reis (2006) e Tabeleao, Tomasi & Neves (2011), que de modo geral, foram os autores e autoras mais lidos e utilizados nesse nosso breve estudo. Seus nomes e ideias aparecem de forma constante em nosso texto.

São pesquisas que têm em comum o interesse pelo fenômeno da educação, o processo de docência no ensino médio e, principalmente, a problemática da saúde mental dos professores. Procuramos então ler todo esse material, coletar as principais ideias e conceitos e desenvolver nosso estudo bibliográfico a partir da leitura sistemática desses trabalhos.

Saúde mental e docência no ensino médio: uma relação social

Um breve panorama acerca da formação de professores no ensino médio

Conforme o último censo escolar da educação básica, disponível no site do INEP (2021)¹, a maioria dos professores que atuam no ensino médio, seja em escolas públicas ou privadas, tem formação em curso superior. O que é um avanço se compararmos com outros censos de anos anteriores.

Esse aspecto, se analisado de forma mais geral, parece ser satisfatório. No entanto, quando vamos mais a fundo na realidade do ensino médio, vemos que certas questões ainda precisam ser melhor debatidas.

Um primeiro ponto é a formação compatível com a disciplina que lecionam. Muitos professores ainda ensinam matérias diferentes das que receberam formação (KUENZER, 2011). Como demonstram Kuenzer (2011) e Costa (2013), matérias como física e matemática, aparecem como umas das que mais apresentam professores sem a formação adequada. Já na disciplina de *educação física* a situação um pouco é melhor, pois é onde o percentual é maior de docentes com formação adequada. Esses dados também podem ser visualizados melhor no último censo escolar de 2020 do INEP.

A política de formação do docente é um tema que está ganhando cada vez mais importância. Como também a estruturação da carreira docente, com uma adequação das condições de trabalho e o piso salarial, são pontos bastante considerados. Mas como isso vem acontecendo nos últimos anos aqui no Brasil?

¹ - Pode ser visto em >> <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar>

Ao tratarmos da formação de professores pode-se, muitas vezes, ter a impressão de que é um processo linear e concreto realizado por instituições de ensino superior. Ao fazer isso, esquece-se uma questão importante: as questões pedagógicas presentes nas relações sociais e produtivas no trabalho docente que podem ser mais efetivas no exercício da docência que os próprios cursos de formação (KUENZER, 2011). Os processos ocorrem primeiramente nas próprias relações onde os docentes estão inseridos.

Desse modo, além de entender como é a formação dos docentes, também é necessário entender, seguindo, por exemplo, uma orientação da sociologia de Elias (2008), como são as configurações sociais que esses mesmos professores fazem parte.

No Brasil, a formação de professores pode ser de formação básica ou, também, uma formação complementar (continuada). Segundo Costa (2013) e Maia (2019), a formação básica é um processo obrigatório, em que o professor ou professora, ao terminar essa formação, estará certificado a ensinar. Desse modo, para ensinar em um futuro próximo é necessário ter cursado alguma licenciatura como Geografia, História, Letras, Matemática, Física.

Como explica Maia (2019) esses cursos de licenciatura devem envolver aulas teóricas e práticas (os estágios), tudo isso supervisionado por docentes já experientes na função educacional.

Finalizando esse processo, o docente pode optar pela formação complementar, onde existem os cursos de pós-graduação como especialização, mestrado e doutorado. Existem do mesmo modo, cursos diversos, workshops, seminários, grupos de estudo e pesquisa, entre outros, que sejam da área de interesse dos docentes.

A formação continuada assim é fundamental para a carreira docente. Visto que cada vez mais as informações são acumuladas e os dados aumentaram bastante, principalmente depois do advento de novas tecnologias, explica Maia (2019).

Com esse fato das novas tecnologias e novas necessidades, sejam dos docentes ou dos alunos, a formação do docente tem um papel importante, sendo como um instrumento de motivação e aprendizado, útil para a aprendizagem dos alunos e alunas, como também na participação e desenvolvimento dos docentes.

Mas as regras e diretrizes desse processo, como são? A Base nacional comum curricular (BNCC) é um dos mais relevantes documentos reguladores que definem quais são as principais formas de aprendizagem dos alunos brasileiros. Essa base nacional aborda os principais assuntos educacionais, as condições para a aprovação nas inúmeras etapas da educação básica (SILVA, 2018).

Nesse ponto, além de direcionar o ensino dos estudantes, formação ininterrupta de professores também passou a ser indispensável. Além disso, temos também outro ponto, a Base nacional para a formação de professores, aprovada mais recentemente.

Esse documento tem como um dos objetivos adequar a capacitação dos docentes em conjunto com a BNCC (base nacional comum curricular), formulando desse modo uma linguagem comum para o que é almejado e necessário para as diretrizes dos cursos de licenciatura no Brasil, explica Silva (2018).

Tal base tem como proposta três aspectos essenciais: *conhecimento, prática e engajamento*. O professor ou professora passará por um programa de residência fiscalizado por um docente já experiente, como também por um orientador(a) da sua faculdade, de preferência no primeiro semestre (SILVA, 2018).

De maneira geral, esse documento é construído pensando nas competências gerais e específicas na formação de professores. É um documento que pretende que o docente vá muito além da tradicional sala de aula. Pois sugere que docentes desenvolvam, nos discentes, competências das mais variadas, como ética e técnica, como também para sugerir a reflexão e a análise de situações do cotidiano, e o uso de tecnologias.

Mas segundo as autoras Rodrigues, Pereira e Mohr (2020), essa base tem algumas questões que merecem ser debatidas, e listam algumas considerações para contestar esse documento, entre elas: os Professores são os responsáveis pelos fracassos ou sucessos da educação; exigirá novas diretrizes curriculares para os cursos de licenciatura; a formação do professor será baseada em competências e habilidades, entre outras.

Conforme explicam Rodrigues, Pereira e Mohr (2020), esse novo documento para a formação de professores não circulou, não foi divulgado nem passou por um necessário debate antes de ser aprovado pelos órgãos competentes. Para as autoras, precisamos pensar em conjunto qual projeto educacional defendemos e achamos melhor para a sociedade em que vivemos, como também temos que pensar em projetos que serão úteis para a formação dos professores. Esses docentes, para além de suas formações, têm também suas condições de trabalho a serem levadas em consideração.

[...] as mudanças que têm ocorrido no campo educacional vêm operando no sentido de mascarar e desconsiderar influências de fatores extraescolares. Isto gera uma nefasta forma de organização das escolas e das instituições formadoras de professores, do trabalho didático-pedagógico, da estrutura da carreira docente e da construção das aprendizagens por parte dos estudantes (RODRIGUES, PEREIRA E MOHR, p.34, 2020).

Mudanças e demandas são várias na formação dos professores. Entretanto, muitas parecem não acompanhar algumas dificuldades dos mesmos no exercício de sua profissão. De modo geral, são inúmeras as principais condições que atrapalham o trabalho dos docentes. Segundo Gasparini, Barreto e Assunção (2005), as dificuldades mais citadas são a baixa quantidade de projetos de educação continuada para a capacitação em consonância com as novas demandas educacionais; a estrutura muitas vezes inadequada das escolas e das salas de aula; o excesso de alunos nas salas; o desinteresse da família e da comunidade em acompanhar o trabalho do docente e os estudos dos filhos e filhas; a falta de trabalhos pedagógicos em equipe; a desvalorização profissional e os salários insuficientes. Essas, entre outras, são bastante citadas como tendo significativa influência.

Não é de estranhar que apareçam sentimentos dos mais variados, nem sempre alegres, em relação ao trabalho da docência. A desilusão e a ausência de empenho e vontade, sofrimentos dos mais diversos, começam a aparecer na docência como um sintoma de algo mais complexo. Como então ocorre esse processo? Falaremos desse ponto logo a seguir.

As principais formas de sofrimento no exercício da docência

Com as condições tanto físicas como sociais de trabalho dos docentes, com a necessidade e exigência de uma formação continuada para o exercício da docência, aparecem diversas formas de sofrimento. Mais quais são essas formas e como elas estão inseridas no cotidiano docente?

Devido às exigências cada vez mais acentuadas e condições sociais que impedem o exercício da docência, existe a possibilidade de aparecerem formas de sofrimento psíquico nos docentes. Esse tipo de dor pode causar prejuízos à vitalidade dos sujeitos, tornando psicologicamente e socialmente “desastrosa” a atividade docente (BRASIL *et al.*, 2016).

Nas últimas décadas, a preocupação com a saúde mental no ambiente de trabalho tem recebido muita atenção devido às diversas mudanças nos ambientes laborais. No entanto, no que diz respeito à saúde dos docentes, principalmente do ensino médio, ainda temos poucas pesquisas (TABELEAO, TOMASI & NEVES, 2011).

Conforme apontam Glina e Rocha (2010), a Organização Mundial de Saúde (OMS)², estima índices de aproximadamente 30% de transtornos mentais na população trabalhadora ocupada até os anos 2020, com prevalência para o aumento dos casos de ansiedade e depressão; sendo a depressão a segunda maior causa de afastamento por incapacidade, perdendo apenas para as doenças e problemas do coração.

Segundo Brasil *et al.* (2016), a escola não escapa ileso às mudanças apontadas nessa pesquisa da OMS, pois as condições de trabalho dos docentes brasileiros são consideradas precárias e têm sido apontadas como geradoras de adoecimento físico e psicológico. Esse é um ponto de consenso entre especialistas.

² - Disponível em >> <https://www.who.int/publications/i/item/9789240049338>.

Desse modo, de acordo com Brasil *et al.* (2016), muitos professores e professoras evidenciam um forte sentimento de frustração ao se depararem com o referido cenário da educação e a constante desvalorização social de sua profissão. Assim, podemos adicionar a isso os inúmeros sentimentos de angústia, desgosto, raiva, falta de esperança e motivação, cansaço, ansiedade e estresse apontados pelos professores diante das exigências e pressões existentes na organização do trabalho.

Sentimentos como esses sentidos pelos professores produzem sofrimento associado à atividade docente e podem ocasionar transtornos mentais transitórios, e até mesmo duradouros, com o conseqüente abandono das atividades laborais.

Esses sofrimentos são uma das principais causas de desligamento ou afastamento dos docentes de seus respectivos trabalhos e ocupações. Tentar entender como ocorre esse fenômeno é uma das primeiras atitudes para procurar amenizar e melhorar essa situação, mostra Reis *et al.* (2006).

A reflexão sobre assunto da saúde mental do docente é importante por mostrar que esse trabalho está exposto a riscos, dos mais diversos, que podem comprometer bastante as suas funções laborais, físicas e mentais.

A escola é um local fundamental para a aprendizagem e convivência social, para o estabelecimento de vínculos afetivos e onde as crianças e adolescentes, em conjunto com os profissionais da escola, fazem parte de um importante processo de crescimento e desenvolvimento (MATOS & CARVALHOSA, 2011).

É um espaço social que serve como modelo, além da família, para os jovens aprenderem e desenvolverem todas as suas capacidades e habilidades para a convivência na sociedade (SAMDAL *et al.*, 1998).

Mas além desses aspectos importantes e fundamentais, a escola, em junção com certos fenômenos sociais, também tem seus pontos que podem ser bastante prejudiciais.

As jornadas e as cargas efetivas de trabalho dos docentes, ou seja, a média diária ou semanal de tempo trabalhando, quando altas e excessivas, tendem a levar os docentes ao cansaço e ao estresse, dizem Borsoi e Pereira (2011). Esses autores também falam que, mesmo com o trabalho em casa, a rotina pode impedir a realização adequada das demandas, e até atrapalhar as atividades domésticas. Seguindo esse ponto, Borsoi & Pereira argumentam que:

Quando realizado no espaço domiciliar, o trabalho tende a não ter limites de horário bem definidos para iniciar e, principalmente, para terminar. Desse modo, ainda que o docente tenha no espaço doméstico um local reservado para suas atividades profissionais, arrisca-se a invadir, com suas tarefas profissionais, o tempo que deveria ser voltado ao descanso e às demandas familiares ou pessoais. Uma vez que seus meios de trabalho (computador, internet, livros e telefone) estão em casa à sua disposição, sente-se impelido a seguir trabalhando, mesmo que, não raramente, veja seu tempo laboral interrompido por demandas privadas. (BORSOI & PEREIRA, 2011, p.130).

Desse modo, Borsoi & Pereira mostram que as atividades de preparação da docência exigem dos docentes um tempo de amadurecimento das ideias e reflexões para o preparo das aulas. O excesso de trabalho na escola ou de aulas atrapalha a própria elaboração das aulas.

Outro ponto ligado nesse contexto é o local de trabalho que, em muitos casos, favorece as manifestações de sofrimento. Fatores como as condições da sala de aula, mesas precárias, computadores lentos ou quebrados, sem contar nas salas cheias de discentes, além da violência na escola. São condições, de entre outras, que dificultam muito o exercício da docência (REIS *et al.*, 2006; COSTA, 2013).

Nesses casos, a saúde mental pode ficar afetada, visto que é realizado um enorme esforço por parte dos professores e professoras para ter concentração, adquirir desafios, seja para o intelecto ou para a criatividade. O docente passa então a ter que sempre controlar as suas emoções e, de certo modo, lidar com altos e baixos das outras pessoas (GASPARINI, BARRETO & ASSUNÇÃO, 2005; BRASIL *et al.*, 2016).

Isso leva a outro fator que é a relação com os colegas de trabalho na escola. Como já se sabe mediante a literatura especializada no assunto, boas relações no trabalho favorecem aspectos positivos da convivência humana e contribuem para diminuir a “carga pesada” do trabalho (GLINA & ROCHA, 2010). Contudo, nem sempre isso é visto nas escolas e os docentes não estabelecem bons laços com seus colegas. Nesse quesito, é possível falar em disputas profissionais, fofocas, intrigas e invejas, falta de comunicação entre os profissionais e a falta de integração e respeito entre colegas. Assim, esses sentimentos e relações causam sofrimentos. De fato, uma relação mais amigável e menos competitiva tende a diminuir o desgaste na docência (MENDES, 2007).

Outro fator que pode atrapalhar a docência é a precarização do trabalho. Por conseguinte, conforme Cupertino, Garcia & Honório (2014), a crescente depreciação e falta de incentivo, sem contar na falta de investimentos adequados na educação, podem gerar sofrimentos como estresse, frustração, ansiedade, esgotamento e fadiga, entre outros problemas. A intensificação do trabalho de professores e professoras pode trazer todos esses sofrimentos, onde a educação é debilitada (GLINA *et al.*, 2001).

Outro ponto importante que pode causar sofrimento é a forma como o profissional enxerga seu trabalho como docente como também sua realização profissional (MAIA, 2019). Aspectos como a contribuição para o crescimento e amadurecimento dos adolescentes, a transmissão do conhecimento e a percepção do mais jovem como pessoa que está em fase de desenvolvimento rumo à vida adulta ajudam no orgulho da profissão e estimulam o trabalho dos professores e professoras. Se esses aspectos são negligenciados ou pouco considerados, os docentes perdem o sentido do seu trabalho, como também a satisfação de ensinar, apontam Cupertino, Garcia & Honório (2014). Nesse sentido:

[...] o nexo entre adoecimento e situação de trabalho não é simples, uma vez que tal processo é específico para cada indivíduo, envolvendo sua história de vida e de trabalho. Para estabelecer o nexo, torna-se fundamental a descrição detalhada da situação de trabalho, quanto ao ambiente, à organização e à percepção da influência do trabalho no processo de adoecer (GLINA *et al.*, 2001, p.614).

Por fim, teríamos como outro fator decisivo a *violência* na escola. Professores podem sofrer várias ameaças, humilhações, agressões e até espancamento por parte de alguns alunos e até de pessoas fora da escola, mas com alguma ligação com alguns estudantes da instituição. Vários episódios são registrados ano após ano, de agressões das mais variadas, e com casos graves e até mortes. Esse é sem dúvida um ponto que causa muito medo e pavor em muitos profissionais, sendo digno de uma atenção e ação efetiva das autoridades competentes.

Mas quais são os fenômenos sociais que favorecem ou atrapalham esses tipos de sofrimento na docência? Falaremos mais desse tópico a seguir.

Docência e sofrimento psíquico: uma relação

Vimos logo acima as principais formas de sofrimento na docência. Agora, iremos brevemente debater sobre os principais aspectos que fazem da docência no ensino médio uma atividade que pode causar sofrimentos. Quais são as principais causas sociais que favorecem essas formas de sofrimento dos professores e professoras?

Segundo Codo *et al.* (2009) inúmeras situações de nossa cultura têm repercutido de forma bastante incômoda na saúde mental dos docentes brasileiros. Sem contar no excesso de trabalho em comparação com o que as escolas, ou instituições educacionais, esperam ou pedem aos seus docentes. Tudo isso implica um custo. E os resultados não demoram a aparecer.

Podemos observar que essa questão social pode trazer custos ao trabalho docente, sejam eles afetivos, cognitivos ou até mesmo físicos, demonstram Mendes (2007) e Cupertino, Garcia & Honório (2014). Ser obrigado a ficar de pé durante muito tempo, ter controle das emoções e saber lidar com a dos outros, lidar com as constantes dificuldades estruturais e sociais da escola, não parece ser uma atividade fácil.

A falta de infraestrutura na escola, o excesso de burocracia, trabalhar sobre pressão, levam os docentes, conforme aponta Esteve (1999), a sofrer de forma contundente as cobranças e responsabilidades que lhes são cada vez mais exigidas. O excesso de burocracia pode impedir um trabalho mais autônomo dos professores e professoras, pois nem todas as atividades dependem de sua “vontade”; dependem de dinheiro, materiais e decisões das esferas do órgão executivo responsável. Desse modo, atividades tendem a não correr de forma mais corriqueira e podem atrasar o desenvolvimento de várias tarefas.

A falta de reconhecimento de suas atividades pode ser fonte também de desprazer (BORSOI & PEREIRA, 2011). Manifestações de insatisfação e ansiedade pela falta de reconhecimento do trabalho docente são bastante comuns. Não é difícil encontrar profissionais que acham que não têm seu trabalho devidamente valorizado; a impressão é que são sempre desqualificados pela sociedade que pertencem. Nessa situação, muitos professores e professoras querem se realizar por meio dos alunos, isso ao ter uma boa relação com os mesmos.

Percebemos com esses fatores que os contextos não são favoráveis para que os docentes se mobilizem para mudar a situação. Apatia e cansaço parecem reger no funcionamento do sistema escolar. Se considerarmos as análises de Bourdieu sobre o sistema de educação na França, podemos ver algumas conexões, mesmo que sua análise dê mais ênfase nos alunos. Para Bourdieu (1992) a escola é potencialmente um espaço de reprodução das estruturas sociais e de transferência de capital entre as gerações. A escola é, como qualquer outra importante instituição na sociedade, um local onde vamos observar as contradições sociais. Assim, o sociólogo francês aponta que:

Se considerarmos seriamente as desigualdades socialmente condicionadas diante da escola e da cultura, somos obrigados a concluir que a equidade formal à qual obedece todo o sistema escolar é injusta de fato, e que, em toda sociedade onde se proclama ideais democráticos, ela protege melhor os privilégios do que a transmissão aberta dos privilégios (BOURDIEU, 2013 p.53).

É nesse contexto em que muitas vezes se apresentam as escolas, local de manutenção da ordem social, no âmbito da reprodução social e cultural e na distribuição de bens simbólicos e materiais, onde a educação é bastante preciosa.

A escola valoriza, segundo Bourdieu (1992), não apenas o domínio de uma gama de referências culturais e sociais, mas também uma maneira específica de se relacionar com a cultura. Mas os próprios professores não são iguais, as escolas não são iguais, tem suas peculiaridades. Contudo, segundo Bourdieu, precisamos olhar para o sistema escolar de forma mais realista, de forma menos idealizada, visto que:

É provavelmente por um efeito de inércia cultural que continuamos tomando o sistema escolar como um fator de mobilidade social, segundo a ideologia da ‘escola libertadora’, quando, ao contrário, tende a mostrar que ele é um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois fornece a aparência de legitimidade às desigualdades sociais, e sanciona a herança cultural e o dom social tratado como dom natural (BOURDIEU, 2013, p. 41).

Uma visão idealizada, a ideologia de uma escola libertadora e do professor como alguém sempre perfeito e preparado, pode trazer sofrimento para os docentes? Bourdieu não tratou de forma considerável esse ponto, nem existem muitas pesquisas sobre. É provavelmente o autor tenha exagerado de modo considerável em sua visão sobre o papel da escola, e sua relação com a sociedade, com uma visão muito *holista* (BOUDON, 1989) e determinista sobre o assunto. O fenômeno parece ser mais complexo do que sugere o autor francês. Contudo, podemos pensar se a própria forma como se constrói a imagem da docência, em relação com algumas condições sociais, não estaria ligada às formas de sofrimento. Uma visão vocacional de que o docente deveria “sofrer”, passar pelos mais diversos percalços, para demonstrar seu valor, para si e para os outros, das práticas educacionais como enaltecidas de uma posição. Esse aspecto de um modelo, moral ou não, de virtude e perfeição, total doação, tendem a ser característicos na cultura docente.

Situações de sofrimento, na prática docente, podem evidenciar as dificuldades para que a sociedade e até mesmo os próprios docentes percebam as condições em que o trabalho do professor está inserido. A saúde mental dos docentes, quando não é considerada em um âmbito da cultura profissional, acaba por deixar de lado aspectos importantes da formação educacional, tais como a socialização profissional e o próprio desenvolvimento profissional dos docentes (CUPERTINO, GARCIA & HONÓRIO, 2014). Ou seja, muito do que se fala do sofrimento dos professores e professoras pode estar relacionado à sua formação e as diversas condições sociais que perpassam a escola.

As condições de ensino, quando não adequadas ao desenvolvimento da prática docente, causam diversas formas de sofrimento psíquico. Fatores de riscos ambientais, físicos e individuais presentes no ambiente escolar têm sua contribuição na saúde mental das pessoas envolvidas. As relações humanas são um fator importantíssimo no trabalho, lembra Dejours (1994), e no ambiente escolar isso não seria diferente. O modo como consideramos os espaços educativos é fundamental para o bem-estar dos que estão neles inseridos.

As condições de trabalho em conjunto com diversos fatores externos são decisivas na forma com os professores e professoras exercem seu trabalho. Quando as condições não são adequadas, ou até mesmo precárias, os docentes têm que se desdobrar para oferecer um bom trabalho segundo as demandas e exigências da escola, dos alunos e da sociedade. Isso causa sofrimento, visto que o contexto de trabalho pouco favorável não ajuda na manutenção de uma saúde mental razoável. Questões sociais (falta de estrutura, falta de investimento, violência, atraso de salários, falta de reconhecimento profissional etc.), condições individuais (encarar o ensino como vocação, necessidade de sofrer para mostrar aos outros e a si que merece o trabalho, controle das emoções, problemas pessoais), problemas de saúde diversos, parecem ser uma característica comum, conforme a literatura especializada e que aqui pesquisamos, na forma como o sofrimento dos docentes é vivenciado.

Muitas vezes, essas dificuldades podem ser aceitas como “normais” em algumas situações, serem aceitas como tendências comuns, como se fosse parte do cotidiano da escola. Isso acaba gerando uma espécie de adaptação dos professores e professoras às situações de sofrimento, dificultando assim a tomada de decisões que visem a sua saúde e bem-estar de todos no processo educativo. Sem a percepção dessas dificuldades, esses problemas enfrentados pelas escolas só tendem a favorecer os distúrbios de ordem psíquica em nossos docentes.

Considerações finais

Diversos fatores sociais estão alterando de forma significativa o trabalho nos últimos anos, e isso não é diferente com a docência, principalmente no ensino médio, o qual é o momento de “transição” da escola para o mercado de trabalho e o ensino superior. Os adolescentes juntamente com os professores vivem uma situação complexa que merece diversos tipos de atenção, para que esse processo possa ser vivenciado da melhor maneira possível.

Vimos brevemente nessa pesquisa bibliográfica as exigências e dificuldades que professores e professoras passam no decorrer da sua prática no ensino médio. Foi possível observar que as situações problemáticas das condições de trabalho, a entrada no mercado de trabalho, as exigências pela constante produtividade e variedade no ensino em sala de aula, a cultura da vocação, a violência na escola, os problemas físicos, emocionais, entre tantas coisas, tende a dificultar bastante o trabalho do docente. Baseado nessa pequena, mas incisiva, literatura, podemos dizer que o contexto da docência no ensino médio apresenta inúmeros indicadores de sofrimento psíquico.

Um dos possíveis meios para atenuar e melhorar esse problema é ter uma melhor administração do espaço escolar, melhor investimento, e mais cuidado com os profissionais da escola. Melhores condições de trabalho possibilitam um espaço para a melhor convivência, que também aumenta a qualidade do ensino, que por sua vez melhora a saúde mental dos envolvidos.

Outro ponto importante seria acerca das exigências na formação dos docentes. Uma melhor formação não significa necessariamente um profissional sempre apto e pronto para as sempre novas demandas do mercado de trabalho, mas um profissional capaz de ensinar e ajudar a desenvolver em seus

alunos e alunas as suas capacidades. Tirar esse excesso de carga na formação docente também é um passo necessário.

Esperamos com nossa pesquisa possibilite uma melhor compreensão sobre a docência no ensino médio. Também tentamos apontar caminhos teóricos para uma abordagem sociológica do sofrimento psíquico. Nossos pontos aqui apresentados não são gerais, são específicos, e necessitam de pesquisas mais empíricas e detalhadas, para ser possível ter uma visão mais minuciada acerca do problema aqui tratado. No entanto, é patente a percepção de certas características que se repetem em vários espaços escolares pelo Brasil. Cabem então mais leituras, pesquisas e trabalhos acerca desse problema social que tanto acomete nossos educadores.

Referências

- 1 BOUDON, Raymond. **A ideologia ou a origem das ideias recebidas**. São Paulo: Ática, 1989.
- 2 BOURDIEU, Pierre. **A reprodução**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.
- 3 BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- 4 BORSOI, I. C. F.; PEREIRA, F. S. Mulheres e homens em jornadas sem limites: docência, gênero e sofrimento. **Temporalis**, Brasília (DF), ano 11, n.21, p.119-145, jan./jun. 2011.
- 5 BRASIL, Christina Cesar Praça *et al.* O contexto da docência e sua influência no sofrimento psíquico de professoras do ensino fundamental. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v. 29, n. 2, p. 180-188, 2016.
- 6 COSTA, Gilvan Luiz Machado. O ensino médio no Brasil: desafios à matrícula e ao trabalho docente. **Revista brasileira de estudos pedagógicos**, v. 94, n. 236, p. 185-210, 2013.
- 7 CUPERTINO, Valéria; GARCIA, Fernando Coutinho; HONÓRIO, Luis Carlos. Prazer e sofrimento na prática docente no ensino superior: estudo de caso em uma ifes mineira. **Trabalho & Educação**, v. 23, n. 3, p. 101-116, 2014.
- 8 DEJOURS, Christophe. **Psicodinâmica do trabalho**: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 1994.
- 9 ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2008.
- 10 ESTEVE, J. M. **O mal-estar docente**: a sala de aula e a saúde dos professores, Bauru: EDUSC, 1999.
- 11 GASPARINI, Sandra Maria; BARRETO, Sandhi Maria; ASSUNÇÃO, Ada Ávila. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. **Educação e pesquisa**, v. 31, n. 2, p. 189-199, 2005.
- 12 GLINA, Débora Miriam Raab *et al.* Saúde mental e trabalho: uma reflexão sobre o nexos com o trabalho e o diagnóstico, com base na prática. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 17, n. 3, p. 607-616, 2001.
- 13 GLINA, Débora Miriam Raab; ROCHA, Lys Esther. (Org.) **Saúde mental no trabalho da teoria à prática**. São Paulo: Roca; 2010.
- 14 INEP. **Censo Escolar**. Disponível em: < <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar/resultados> > acesso em 13/02/2021.
- 15 KUENZER, Acacia Zeneida. A formação de professores para o ensino médio: velhos problemas, novos desafios. **Educação & Sociedade**, v. 32, n. 116, p. 667-688, 2011.

- 16 MAIA, Helenice. Formação docente em nível médio e superior: perspectivas de professores sobre o exercício da docência em seu trabalho. **Revista Internacional de Formação de Professores**, v. 4, n. 2, p. 149-168, 2019.
- 17 MATOS, Margarida Gaspar de; CARVALHOSA, Susana Fonseca. A saúde dos adolescentes: ambiente escolar e bem-estar. **Psicologia, Saúde & Doenças**, v. 2, n. 2, p. 43-53, 2001.
- 18 MENDES, A. M (Org). **Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.
- 19 NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educação & Sociedade**, v. 23, n. 78, p. 15-35, 2002.
- 20 REIS, Eduardo J.F *et al.* Docência e exaustão emocional. **Educação & Sociedade**, v. 27, n. 94, p. 229-253, 2006.
- 21 RODRIGUES, Larissa Zancan; PEREIRA, Beatriz; MOHR, Adriana. O documento “Proposta para Base Nacional Comum da Formação de Professores da Educação Básica”(BNCFP): dez razões para temer e contestar a BNCFP. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, vol, 20, p. 1-39, 2020.
- 22 SAMDAL, Oddrun *et al.* Achieving health and educational goals through schools—a study of the importance of the school climate and the students' satisfaction with school. **Health education research**, v. 13, n. 3, p. 383-397, 1998.
- 23 SILVA, MONICA RIBEIRO DA. A BNCC da reforma do Ensino Médio: o resgate de um empoeirado discurso. **Educação em revista**, v. 34, p.1-15, 2018.
- 24 TABELEÃO, Viviane Porto; TOMASI, Elaine; NEVES, Siduana Facin. Qualidade de vida e esgotamento profissional entre docentes da rede pública de Ensino Médio e Fundamental no Sul do Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 27, n. 12, p. 2401-2408, 2011.